

DA TEORIA À PRÁTICA: CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS ORAIS E ESCRITOS

AUTORAS:

ROSILENE FELIX MAMEDES

ROSENICE DE LIMA GABRIEL

CLAUDENIA DA SILVA SANTANA

MARINALVA PEREIRA DE ARAÚJO

CHARLENE DE LIMA ALEXANDRE DA SILVA



*Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento
orais e escritos*

VOL 6

AUTORAS:

Rosilene Felix Mamedes

Rosenice de Lima Gabriel

Claudenia da Silva Santana

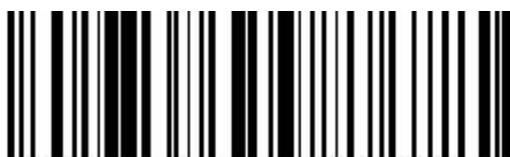
Marinalva Pereira de Araújo

Charlene de Lima Alexandre da Silva

Publicação:



ISBN 978-65-5886-036-5



9786558860365

Capa e Projeto Gráfico: SAL DA TERRA

Direitos reservados à

**Sal da Terra e a
Contatos
Empreendimentos**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da editora.

© da edição: Editora Sal da Terra, João Pessoa, dezembro de 2020.

MAMEDES et al. *Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento orais e escritos*. Editora Sal da Terra. Vol.6. 2020.

COMISSÃO EDITORIAL

Dra. Veridiana Xavier Dantas

Ma. Rosilene Felix Mamedes

Esp. Vanderson Douglas

Esp. Nadja Maria de Menezes

COMISSÃO TÉCNICA

Kelly Dias Moura

Michele Teixeira Pontes

PREFÁCIO

A coleção da teoria à prática é resultado das vivências do Grupo de Estudo Rosilene Felix Mamedes, que atua há dez anos, com docentes, especialmente, da rede pública de ensino. Ao longo dessa trajetória o grupo vem produzindo conteúdo acadêmico em eventos científicos. Nesse sentido, dando continuidade ao frutífero trabalho do grupo, nasce a coleção “Da teoria à Prática” que tem como principal objetivo unir a teoria, de uma forma mais simples às práticas pedagógicas de atividades voltadas para discentes que estão em contexto de aprendizagem. Entendemos que a partir de 2017 com a nova BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR-BNCC, faz-se necessário que tanto os profissionais que estão à frente da missão de ensinar, bem como os pais/ responsáveis pelos discentes precisam de um olhar mais cuidadoso para os fins da aprendizagem significativa a partir de práticas pedagógicas orientadas e, sobretudo, direcionadas para que estes possam desenvolver as habilidades e competências dos discentes a partir de um dado objetivo. É nesse sentido, que a coleção “Da teoria à Prática” chega em 2021, com atividades programadas, esquemas didáticos e orientações de propostas desenhadas para que tanto o docente, como os pais ou responsável, ou até mesmo o discente possa desenvolver suas habilidades e competências, já que a atividade será toda norteada e guiada pelo fio condutor do princípio do ensino-aprendizagem.

Para isso, essa coleção será dividida em séries, com volumes bem definidos por tema. A primeira série será organizada em 04 (quatro volumes) que seguirão as temáticas: **Vol1: Da teoria à prática: construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos-** Este volume trará a teoria a partir da BNCC (2017), sendo guiada pela base teórica do Letramento e dos gêneros textuais para aluno em contexto de aprendizagem. Além disso, contemplará três seções: Letramento oral, letramento escrito e Letramento inclusão; **Vol2: Da teoria à prática- jogos e TIC'S em contextos de práticas de aprendizagem-** Este volume será destinado a desenvolver práticas de atividades pedagógicas com jogos e a partir das novas tecnologias educacionais, com uso de ferramentas educacionais que podem auxiliar no ensino-aprendizagem dos discentes. Este volume contemplará a educação a partir de propostas para os níveis fundamentais, com atividades de alfabetização, língua portuguesa, matemática e inclusão; **Vol3: Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes-** Para este volume será explorado propostas pedagógicas para alunos surdos e ouvintes, a partir de atividades inclusivas que sejam resguardadas nos documentos oficiais para o ensino da Libras como L2.

Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento orais e escritos

Por fim, o **Vol4: categorias freirianas tecendo sentidos na EJA** em comemoração ao ano de Freire, o pai da EJA, trazemos o debate e vivências a partir de propostas pedagógicas e relatos de experiências de profissionais que trabalham com essa modalidade e ensino e vêm desenvolvendo projetos e atividades exitosas.

Os volumes **5- Da teoria à prática: jogos e TIC'S em contextos de práticas significativas de aprendizagem; 6 Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento orais e escritos- construindo sentidos a partir de práticas de letramento oral e escrito** e o **7 Da teoria à prática: Educação, saúde e movimento-** foram destinados a temas voltados para a prática significativa de aprendizagem.

Já os volumes **8 Da teoria à prática: Desenvolvendo habilidades de leitura e escrita no Ensino Fundamental** e **9 Da teoria à prática: da formação do professor à prática pedagógica na aplicação do currículo e da avaliação**, desenvolvidos em 2021 deram continuidade a proposta de aliar a teoria à prática tendo como norte os temas leitura, avaliação e currículo.

Assim, convidamos a todos a passearem pela nossa coleção: Da teoria à prática e desfrutar de atividades realizadas por docentes que estão imersos no contexto de ensino-aprendizagem.

Tenham uma boa leitura e uma excelente prática pedagógica auxiliada pela mediação e a interação proposta pela obra.

Rosilene Felix Mamedes

Mestra em Linguística- PROLING-UFPB

Doutoranda em Letras- PPGL-UFPB

Diretora acadêmica da Contatos Empreendimentos Educacionais

04-12-2020

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR OS VALORES PARA FORMAR PESSOAS HUMANAS, APTAS NA MATEMÁTICA E NA VIDA SOCIAL	8
Claudenia da Silva Santana	
O DESAFIO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O LETRAMENTO COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	15
Rosenice de Lima Gabriel	
O LETRAMENTO A PARTIR DO ENUNCIADO CONCRETO DO GÊNERO DIÁRIO	23
Marinalva Pereira de Araújo; Jôse Pessoa de Lima; Rosilene Félix Mamedes	

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR OS VALORES PARA FORMAR PESSOAS HUMANAS, APTAS NA MATEMÁTICA E NA VIDA SOCIAL

Claudenia da Silva Santana¹

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

O exemplo começa do professor, porque ele precisa entender que ensinar os conteúdos apenas visando um ensino-aprendizagem, como se os alunos fossem robôs, que carregam um computador na cabeça, na qual o armazenamento deve ser preenchido com dados para o ENEM, processos seletivos e concursos, não combina com a realidade que nos cerca. Segundo Ponte et alli (2003, p. 24), “a verdade matemática absoluta, oriunda da civilização grega, começava a ser substituída por uma verdade relativa dos teoremas, relativamente aos postulados, definições e correções de raciocínio”. Nós somos seres humanos e por mais que tentamos disfarçar os nossos sentimentos, por dentro temos frustrações, sonhos, esperanças, crenças, decepções, carência, alegria, tristeza e amor. Os nossos alunos não são diferentes e necessitam de um olhar marcante, combatendo o bullying, a violência familiar, as drogas e a desigualdade social para que as aulas de Matemática tenham sentido porque estudar precisa de harmonia, sossego e valorização. Palmeira e Guimarães (2002, p. 339) “uma educação para o desenvolvimento local e sustentável requer processos educativos que possibilitem a formação de cidadãos autônomos e críticos, a base para o avanço individual e o conseqüente desenvolvimento social.” Aparentemente existem muitos professores capazes de passar por cima de qualquer colega para conquistar os seus ideais, sem ter um pingão de preocupação com que o outro vai pensar ao seu respeito, como se não existisse amizade entre as pessoas, mostrando que a vida é simplesmente uma competição e muitas vezes desleal, sem pudor, caráter e confiança. Sendo capaz de humilhar, difamar e prejudicar o outro. Como encarar os estudantes, ensinando por ensinar. Clarêto (2002, p. 40) enfatiza: “à responsabilidade pelos seus resultados, bem como em relação à possibilidade de que a Ciência resolva problemas sociais ou pessoais”.

Nesse sentido, Barreto Filho. Xavier da Silva (2003, p.152):

Na linguagem do dia-a-dia é comum ouvirmos frases como: ‘uma coisa depende da outra’ ou ‘uma coisa em função da outra’. Não é raro também abrimos revistas ou

¹ E-mail: claudeniasantana@hotmail.com

jornais e encontramos gráficos, sobre os mais variados assuntos, mostrando a dependência entre os fatores em estudo.

A Matemática deve ser trabalhada com materiais concretos, relacionados ao cotidiano, aproveitando as oportunidades encontradas em pequenos momentos de alegria ao participar de atividades educativas e divertidas, percebendo o sacrifício que os discentes fazem para aprender e driblar a tristeza dos obstáculos da vida. Pois, muitos alunos vão para escola com fome, sofrendo pelo preconceito e discriminação. Para Aranha e Martins (2000, p. 273), “a Axiologia não se ocupa dos seres, mas das relações que se estabelecem entre os seres e o sujeito que os aprecia”.

CONTEÚDO

Os recursos pedagógicos são os jogos matemáticos, vídeos e internet.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Estimular o desenvolvimento de valores nas aulas de Matemática, trabalhando os conteúdos programados com um ensino aprendizagem agradável, relacionado a um bom relacionamento entre professor – aluno.

Objetivos Específicos:

- Relacionar os valores aos conhecimentos Matemáticos;
- Desenvolver um bom relacionamento ente professor – aluno;
- Favorecer um ensino aprendizagem agradável;

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Menin (2002, p.93) os valores estão relacionados: “como construção do pensar humano histórico-cultural situado”. Os alunos percebem quando o ambiente é harmonioso, com uma equipe de funcionários que se preocupa com o bem-estar do outro, onde a ética prevalece e antes de pensar em algum julgamento contra o seu *colega*, *lembrar que todos tem problemas e que ninguém tem o direito de julgar o comportamento da vida pessoal do outro fora da escola*. Segundo Silva (2000, p.54), sobre a convicção relacionada a valores “como fundamento da

vida e das concepções do mundo, das construções científicas e das instituições sociais”. O foco deve ser ensinar e se preocupar com o que o outro está sentindo para que a trajetória seja percorrida com sucesso, valorizando os conhecimentos Matemáticos dos estudantes. De acordo com os (PCN’S 1998). “... é importante destacar que a matemática deverá ser vista pelo educando como um conhecimento que pode favorecer o desenvolvimento do seu raciocínio, de sua capacidade expressiva, de sua sensibilidade estética e de sua imaginação”. Conforme propõe Cury e Bazzo (2001, p. 42) afirmam: “questões éticas e políticas relacionadas com a Matemática e seu ensino, inclusive o debate sobre a Matemática como fator de exclusão e o poder assumido por aqueles que detêm o conhecimento matemático”, devem ser revistas e discutidas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de matemática (1997)

Um aspecto relevante nos jogos nas aulas de matemática é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver (BRASIL, 1997,48-49).

De acordo com Araújo, H (2002, p 276) os alunos quando estão se sentindo motivados “passam a mostrar comportamentos mais complexos de explorar, manipular, pesquisar, persistir, indagar e procurar novos desafios”. É claro que com tantos problemas e dificuldades fica difícil para o estudante acreditar que pode conquistar grandes objetivos e cabe ao educador mudar essa situação, criando meios para envolver o seu aluno com a autoestima. Araújo, H (2002, p. 276) fala sobre a motivação extrínseca: “compete ao professor adotar uma postura realista e equilibrada. Em qualquer caso, o uso de motivação extrínseca para estudar e aprender deve sempre ter em vista sua eventual substituição por fatores motivacionais intrínsecos”. Nesse caso, podemos utilizar os jogos matemáticos como objeto de motivação.

Kishimoto (2004) afirma:

A utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por conta com a motivação interna, típico do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influencia de parceiros bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos. (KISHIMOTO 2004, p. 43).

Com tudo, (Rossini, 2005 p. 75) afirma: “Na medida em que somos motivados por sentimentos de entusiasmo e prazer no que fazemos – ou mesmo por um grau ideal de ansiedade -, esses sentimentos nos levam a conquistas”. Precisamos estar sempre sendo estimulados a

buscar a conquista dos nossos objetivos. Rossini, (2005 p.19) Explica: “o homem é um ser complexo”. Portanto, o docente pode fazer a diferença quando incentiva e entusiasma o discente, mostrando que acredita na sua capacidade.

Smole enfatiza:

O trabalho com jogos é um dos recursos que favorece o desenvolvimento da linguagem, diferentes processos de raciocínio e de interação entre os alunos, uma vez que durante um jogo cada jogador tem a possibilidade de acompanhar o trabalho de todos os outros, defenderem pontos de vista e aprender a ser crítico e confiante em si mesmo (SMOLE. 2007, p.1).

Sendo assim, (Rossini, 2005, p. 43) diz que o estudante passa a “saber lidar, de forma eficaz, com os sentimentos que afligem as pessoas, não permitindo que elas percam a vontade e o otimismo ao enfrentar desafios. O aluno ao escutar constantemente que não tem habilidade para determinada atividade, inconscientemente vai criar uma expectativa de fracasso diante de tal atividade”. Por isso que muitos alunos falam que não vão conseguir fazer determinadas atividades.

Rossini, confirma:

O professor que poliniza mentes e almas cria condições para estimular a criatividade dos alunos. Além da segurança, dá a liberdade psicológica necessária ao processo criativo. Faz com que seus alunos acreditem que são capazes de criar: seu programa educacional tem espaço para estimular a criatividade de seus alunos. (ROSSINI, 2005 p. 72).

PROPOSTA DIDÁTICA

Metodologia: Apresentação de trabalhos em grupos, resolução e criação de problemas, jogos online, vídeos de superação, confecção de jogos utilizando materiais concretos e roda de conversa.

Grando destaca:

Quando nos referimos à utilização dos jogos nas aulas de matemática como suporte metodológico, consideramos que tenha utilidade em todos os níveis de ensino. O importante é que os objetivos com o jogo estejam claros, a metodologia a ser utilizada seja adequada ao nível que se está trabalhando e, principalmente, que represente uma atividade desafiadora ao aluno para o desencadeamento do processo (GRANDO 2008, p 25).

A proposta apresenta aulas de Matemáticas divertidas, que dar oportunidade de fazer com que o aluno possa estudar sem preconceito, com a lógica no envolvimento da inclusão.

Promover momentos com jogos matemáticos, após atividades de problemas relacionados ao cotidiano. O professor ao explicar as regras do jogo deve acrescentar a proeminência dos valores. Apresentação de trabalhos em grupos, incluindo diversidades de oportunidades de expressões que o estudante se identifique. Envolvendo oralidade, gráficos, cartazes, construções de problemas e jogos didáticos.

O docente deve dar exemplo para o discente, respeitando os colegas de trabalho enquanto isso a equipe gestora deve elogiar o professor, reconhecendo a importância do seu trabalho. Sendo assim, fica mais fácil conquistar o respeito do discente e conseqüentemente a harmonia no ambiente escolar, onde todos colaboram para superar os problemas pessoais, promovendo o bem-estar do ambiente.

ORIENTAÇÕES PARA A PROPOSTA DIDÁTICA

Os jogos matemáticos se encaixam bem nessa orientação porque são dinâmicos e prazerosos. Além disso, desenvolvem um raciocínio lógico nos discentes tornando a aula um sucesso na convivência do cotidiano escolar e no alcance das competências e habilidades.

Trabalhos em grupos faz com que os estudantes tenham oportunidades de interagir entre eles, tirando as dúvidas existentes. Leitura e interpretação de problemas intensificam a oralidade. Além disso, abre espaço para a criatividade com a confecção dos jogos e o desenvolvimento da lógica na construção dos problemas matemáticos.

Jogos online, explorando a tecnologia avançada para a construção do saber.

Assistir a vídeos de superação envolvendo a Matemática, dando mais um subsídio para um encontro de conhecimentos com a conquista da vitória do reconhecimento das qualidades encontradas em cada um dos estudantes e conseqüentemente dos funcionários da escola, da família e sociedade.

Roda de conversa, onde os educandos vão expõem as suas inquietações e o educador deverá anotar os pontos positivos e negativos do desenvolvimento escolar. Em seguida, eles irão procurar as melhores soluções para resolver esse problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atendendo a proposta pedagógica, foram criadas estratégias para que o docente capriche na prática da sala de aula, mostrando que pode haver uma competição boa de aprendizagem entre os discentes, na qual todos podem estudar com o intuito de alcançar com êxito a meta desejada.

Sendo assim, salientamos a importância de trabalhar valores incluindo os jogos matemáticos para uma convivência sadia entre professor e aluno. Se existe uma harmonia escolar a possibilidade de uma aprendizagem satisfatória, com o alcance de habilidades e competências viáveis para a turma que o educando está cursando será multiplicada, favorecendo as oportunidades criadas pelo educador.

Desta forma, conseguimos entender que a sala de aula não é homogênea porque as pessoas são diferentes. O ensino aprendizagem acontece de diversas formas e momentos. Todos os alunos devem ser incentivados a aproveitar as chances e se elas não acontecem podem buscar, através dos estudos e de muita força de vontade gerada pela vontade de vencer.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: uma introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2. ed., 2000.

ARAÚJO, P. **O teatro ensina a viver**. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/artes/pratica-pedagogica/teatro-ensina-viver-424918.shtml>>. Acesso em: 12 /05/2021.

BARRETO FILHO, Benigno; XAVIER DA SILVA, Cláudio. **A matemática aula por aula**. São Paulo: FTD, 2003.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática** – Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares brasileiros**. Brasília, 1999.

CLARETO, Sônia Maria; **Educação matemática e contemporaneidade**. **BOLEMA – Boletim de Educação Matemática**. Rio Claro, SP: UNESP, ano 15, v. 17, 2002, p. 20-39.

CUNHA, Maria Helena. **Saberes profissionais de professores de Matemática: dilemas e dificuldades na realização de tarefas de investigação**. Disponível em http://www.ipv.pt/millennium/17_ect5.htm Acesso em 12/05/2021.

GRANDO, R. C. **A construção do conceito matemático no jogo**. (Texto fotocopiado), s/d.

KISHIMOTO citado por LUCENA, Ferreira De. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 2004.

PONTE, João Pedro da et alli. **Didactica da Matemática no ensino secundário**. Disponível em: <<http://www.des.mim-edu.pt/download/pub/matemática/didática.pdf>>. Acesso em 12/05/2021.

ROSSINI, M. **Educar para ser escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SILVA, Sônia Aparecida Ignácio. **Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**. 4. ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SMOLE, K. S. **Jogos matemáticos de 1º ao 5º ano**. Porto Alegre. Artemd. 2007.

PALMEIRA, Maria José de Oliveira; GUIMARÃES, Solange de Oliveira. **Valores culturais com estruturantes do desenvolvimento local sustentável**. Revista da FAEEBA. Salvador, BA: UNEB, v.11, n. 18, jul-dez/2002.

SEGURADO, Irene; PONTE, João Pedro da. **Concepções sobre a Matemática e trabalho investigativo**. Disponível em [http://ia.fc.ul.pt/textos/98%20SeguradoPonte%20\(Quadrante\).pdf](http://ia.fc.ul.pt/textos/98%20SeguradoPonte%20(Quadrante).pdf) Acesso em 06/05/2021.

O DESAFIO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O LETRAMENTO COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Rosenice de Lima Gabriel

RESUMO

A educação de jovens e adultos, é uma modalidade de ensino que dentre outros aspectos, visa contemplar este público em prol do alcance dos seus objetivos educacionais. No processo de ensino aprendizagem professores e alunos deparam-se com desafios afins. O primeiro visa buscar instrumentos que viabilizem o processo de ensino aprendizagem e o segundo almejam a aprendizagem do mesmo. Esse trabalho tem o objetivo geral de analisar a prática docente e letramento na Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa foi de natureza qualitativa e como técnica adotamos uma revisão bibliográfica. Como resultados, se conclui que o professor pode utilizar o letramento como mecanismo facilitador afim de viabilizar o processo de ensino aprendizagem do seu alunado da EJA favorecendo o seu desenvolvimento como cidadão crítico.

Palavras-chave: EJA. Letramento. docente. Ensino. Aprendizagem. Docente

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que um dos objetivos almejados enquanto docentes é o sucesso educacional de seu alunado. Dessa forma, embora haja várias técnicas o ser humano é subjetivo e desse modo, o docente precisa desenvolver técnicas que favoreçam ao processo de ensino aprendizagem.

Assim como um sistema, o processo de ensino e aprendizagem a alfabetização e o letramento são capazes de desenvolver a habilidade de ler e escrever, embora tenham conceitos e características específicas

De acordo com alguns pesquisadores, a concepção de letramento se entrelaça a um fator comum: envolve uma técnica que resulta na leitura e na escrita. Nesse sentido, Freitas e Cavalcante (2014), tomam como exemplificação as técnicas de leitura e escrita aplicadas no âmbito escolar, acima de tudo na Educação de Jovens e Adultos - EJA, as quais não devem ser desassociadas das contextualizações socioculturais da realidade dos discentes, onde requer leitura e escrita num corpo social fundamentalmente ortográfico.

Entende-se, para Soares (2003), que os docentes da EJA necessitam assegurar aos estudantes um procedimento que seja para além do ato de ensinar a ler e escrever. Faz-se

necessário que a aprendizagem da leitura reúna as duas vertentes de letramento: na sua individualidade, onde se relaciona à alfabetização e a sociocultural, que entrelaça a aplicação de técnicas sociais da leitura e da escrita.

Isto posto, esse artigo tem o objetivo geral de analisar a prática do letramento na Educação de Jovens e Adultos e a prática docente. Através de uma revisão bibliográfica e um estudo qualitativo.

Segundo Ferreira (2015, p.117) “A perspectiva qualitativa na pesquisa possibilita ao pesquisador desvelar e interpretar a fala dos entrevistados”. De acordo com Lakatos e Marconi (2009, p. 269) “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos e fornece análises mais detalhadas sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento”.

Dessa forma, acreditamos que tais técnicas nos darão base para elaboração deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

Os professores em suas práticas, deparam-se com vários desafios, dentre eles, buscar técnicas para a otimização do processo de ensino e aprendizagem para seu alunado. A fim de possibilitar aos mesmos uma maneira de alcançarem êxito em sua trajetória escolar.

Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 426), o termo, letrado, corresponde a “que ou quem é versado em letras, erudito” no que concerne a dominação da leitura e da escrita.

Desse modo, podemos entender que para ser letrado, não basta ao sujeito apenas saber ler e/ou escrever. Se faz necessário que o indivíduo apresente habilidade para interpretar e fazer distintas observações críticas, a respeito do assunto que possa ser abordado.

De acordo com Freitas; Lima (2019) a expressão letramento é um vocábulo atual da linguagem no Brasil e foi mencionada em sua primeira instância em meados de 1980.

No século XXI, o letramento surge estruturado a uma contextualização potencial em meio as perspectivas e relações que são fundamentais para a relação de uma cadeia de conhecimentos sobrepôr com os “novos letramentos” (ROJO, 2015, p.455).

Oliveira (2015, p. 13), esclarece que a expressão “letramento”, está para além do domínio das tarefas de escrita e leitura que resultam nas atuações sociais. Dessa forma, o letramento enquanto técnica, deve envolver procedimentos eficazes de ensino aprendizagem aliados cotidiano nos alunos.

Assim, a prática do letramento propicia ao aluno, uma forma de estruturação do cidadão mais extensa, de modo a refletir a respeito de uma real situação universal e/ou local. Sendo

assim, esta abordagem favorece aos alunos a assimilação cômica e crítica a respeito das condições do dia a dia.

Podemos entender que para Soares (2016), os termos letramento e a alfabetização se entrelaçam. Quanto ao que concerne a materialização desse entrelace, é relevante alfabetizar letrando, a partir de condições que possibilitem a reflexão das próprias manifestações sociais.

Tal ato, requer uma maneira inovadora de inovada entender a existência da escrita num universo de interação da sociedade, excedendo o âmbito simplesmente técnico do ler e do escrever com a finalidade de incorporar os educandos nas técnicas sociais de escrita e leitura.

Neste aspecto, o letramento vai além da alfabetização. Inicialmente, compreendia-se que alfabetizar condizia com a capacitado a ler e escrever e, para outros acontecimentos os educandos são capazes de interpretar.

No letramento, os alunos necessitam conseguir uma perspectiva mais extensa das variadas maneiras de interpretações e dos distintos textos, como críticos e reflexivos.

Mediante esta premissa, aparece a importância em relação a prática de letramento com a Educação de Jovens e Adultos - EJA, ao passo que tal modalidade de ensino abarque uma grande parte dos estudantes que não poderiam frequentar o âmbito escolar no tempo adequado.

Há tempos remotos, compreendia-se como alfabetizado que um indivíduo tem a capacidade de ler e escrever. No entanto, essa premissa foi ultrapassada, como também passou por modificações.

O letramento, em sua aplicação, está atrelado a forma de alfabetização, porém, com novas direções nesta técnica que exige mais raciocínio dos estudantes.

Quanto as práxis do letramento, podem acontecer em locais distintos, dessa forma, está acoplada com os determinantes da história numa contextualização social dos indivíduos.

Neste sentido, os procedimentos da aprendizagem não se limitam apenas ao espaço escolar e sim por meio de qualquer prática social manifestada através dos indivíduos num corpo social.

Dessa forma, a aprendizagem inicia-se de uma atuação construtiva dada por distintos âmbitos da vida social. De acordo com a afirmação de Gadotti (2013, p.13) “Somos seres programados para aprender. Para estudar basta pensar”.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o processo de letramento pode ter significativos resultados. Diante da possibilidade dos estudantes adentrarem no espaço escolar sem preparação ou entendimento em relação ao letramento e/ou podem apresentar domínio da leitura e da escrita, entretanto, não possuam capacidade entendimento mais amplo.

Neste sentido o letramento apresenta-se como mecanismo de sistematização do conhecimento prévio ou não do aluno atrelando este o conceito amplo do assunto abordado.

A finalidade é conseguir fazer com que as mesmas comecem a instigar a racionalidade crítica, política, social e cultural. Segundo Brito (2001, p.63) “ a EJA promove o desenvolvimento integral do indivíduo e sua incorporação a sociedade como uma pessoa consciente, crítica e responsável de suas situações”.

Neste processo a interpretação de texto é fundamental para os estudantes, os quais precisam entender que este é o passo inicial para obter a satisfação no âmbito escolar ou fora dele. Para Gadotti (2000) é preciso o indivíduo ter o entendimento de sistematizar o conhecimento, conseguindo novas maneiras de aprender, entender informações e condensar o conhecimento com a prática.

O educador se torna o encarregado de trabalhar com o objetivo de enfatizar o conhecimento crítico dos estudantes, com isso, impedindo que os alunos não acabem vítimas de situações opressoras na sociedade.

Segundo Freire (1996) o letramento é uma maneira de compreender a si próprio e os demais, dessa forma reproduzindo as competências de indagar com fundamentação e compreensão, interpondo no mundo e defrontando acontecimentos opressivos.

Após os escritos de Paulo Freire, a Educação de Jovens e Adultos conquistou um olhar especial onde teve a proposição de valorizar os sujeitos que não conseguiram o acesso ao aprendizado no tempo oportuno.

A inovação da educação, era uma das vertentes defendidas por Freire (2000), a fim de que se criasse mecanismos que pudessem incluir e não excluir, ou seja, a educação não deveria ser fracionada, nem mecânica, mas sim integrada e transformadora. Conforme Oliveira (2015, p.24):

Os estudos sobre alfabetização e letramento em EJA são necessários uma vez que a alfabetização na perspectiva de letramento precisa cumprir a tarefa de tornar os sujeitos usuários da língua escrita, de forma que valide seus saberes da experiência, em uma sociedade que realmente os aceite explicitamente, e não de forma velada, e os coloque em seus devidos lugares, como sujeitos sociais que desempenham papéis fundamentais na produção de bens materiais e culturais importantes para a manutenção da sociedade.

Faz-se necessário, que os estudantes sejam protagonistas de sua própria história. Dessa maneira devem se atentar que os próprios devem ter consciência política de uma sociedade real, como sujeitos ativos.

Ao contrário do que defende assim como defende Freire, nesta premissa, o protótipo tradicional de ensinar não dá realce a prática de letramento. Pois conforme a tradicional educação bancária, o intuito era somente server conteúdos sem que saiba da definição dos próprios para a sua real condição em meio a uma sociedade excludente.

Outra perspectiva educacional relatada por Freire, era a nivelção horizontal, o que envolve uma educação que prioriza a linguagem oral em um nível de educador/ educando.

Neste modelo, o aluno escuta, mas também o próprio aluno fala, dessa forma, sendo os sujeitos (professor/estudante) atuantes numa ação, atentando que não somente o professor é detentor de todos os conhecimentos.

Sendo visível a procura da consideração do ensino para jovens e adultos, dando ênfase de maneira transparente os conhecimentos e vivências que os próprios tem. Estes conhecimentos têm que ser avistados de maneira natural para a sociedade, ao passo que a aprendizagem aconteça tanto dentro do âmbito escolar quanto extraescolar.

Compreende-se que o processo de ensino não deve acontecer de maneira dissociada, então, é necessário que haja permutações de conhecimentos diante dos sujeitos e as escolas.

2.1 TEORIA A PRÁTICA

É perceptível que a educação ainda precisa cada vez mais evoluir, para a contextualização do ensino de Jovens e Adultos. É indispensável que os estudantes da EJA necessitam de estímulos em relação ao seu papel como ser cidadão ativo e crítico no corpo social, e assim, consiga um lugar no modelo de uma nova sociedade, impedindo a exclusão dos próprios no mundo social.

De acordo com Delors (2004), (*apud* BRITO, 2011, p. 63), a EJA é preciso se estruturar num ciclo de quatro aprendizagens básicas: compreender e conhecer conseguindo elementos de compressão; aprender a utilizar para atuar no seu meio; entender a conviver em conjunto; com a intenção de cooperação e participação com os demais em suas mais diversas tarefas humanas; e o aprender a ser para conseguir reproduzir a sua própria personalidade.

Entretanto, a escola precisa preparar os estudantes com uma estruturação com amplitude no que diz respeito aos conhecimentos relacionados a dominação de leitura, escrita, cálculos, tecnologias e outros. Com a perspectiva de desenvolver um sujeito reflexivo e crítico. Para Arruá (2019, p. 234)

é preciso utilizar novas metodologias e teorias, sabendo que o ser humano não somente tem vontade de aprender, e si a curiosidade o desperta o querer e como o próprio aprende, entretanto, o processo de aprendizagem deve ser evoluído.

É importante mencionar que o protótipo atualizado de manusear os conteúdos se diferencia muito do método Tradicional. Onde temos que instigar a aplicação de raciocínio lógico dos estudantes por meio de maneiras inovadoras de executar conhecimentos, e, não somente a reprodução de assuntos separados da real situação dos estudantes.

2.2 APLICAÇÃO PRÁTICA

Dentre outros desafios envoltos da atividade docente na Educação de Jovens e Adultos – EJA, está em encontrar materiais adequados para o processo de ensino aprendizagem voltado para este público.

Por vezes encontramos um vasto material voltados para a alfabetização e letramento do público infantil. Desse modo, vários professores têm-se apropriado de materiais concretos para a prática dessa atividade.

Conforme podemos ver logo abaixo, para o ensino da matemática foi utilizado boca de garradas de leite e suas respectivas tampas, para que assim fosse montado uma tabela, onde as tampas podem ser encaixadas de acordo com os resultados.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/362469470010839168/>

Sistematizar o ensino afim de facilitar a compreensão do alunado pode sem dúvida favorecer o processo de ensino aprendizagem, tornando-o além de eficaz prazeroso. A utilização de materiais concreto neste processo, pode contribuir com o processo de aprendizagem de outras disciplinas com a ciência.

O ensino de conteúdos através de materiais concretos, aproxima o aluno ao conteúdo possibilitando uma melhor compreensão dos mesmos além de favorecer uma conscientização sobre por exemplo a importância da preservação do meio ambiente e da reutilização, quando possível, de materiais concretos para diversos fins, dentre eles, o educacional.

3 CONCLUSÃO

A expressão letramento tinha pouca usabilidade na contextualização social. Dessa forma é cabível ao professor se adequar as novas formas de conhecimentos e aprimorar sua didática, por meio que propicie aos estudantes mais condições para melhoria dos mesmos.

O ensino da EJA necessita se desenvolver cada vez mais, justifica que grande parte dos estudantes estão na fase adulta e passaram muito tempo sem voltar a frequentar o espaço escolar, sendo preciso um trabalho mais aprimorado, onde tenham a oportunidade de atuar no seu papel de cidadão pleno.

É de responsabilidade da escola e do Estado desenvolver melhorias, com objetivo de evolução plena dos estudantes. Através de recursos visuais e sonoros, incrementados por meio

das reproduções de diálogos, aplicando sempre os métodos didáticos do professor. É sabido que os estudantes necessitam de aprender o fazer, fazendo, significa que não deve ser limitado somente em teorias, é necessário a prática acompanhada junto ao conteúdo escolar.

4 REFERÊNCIAS

BRITO, J. A. M. **As Práticas de letramento no contexto da EJA**: Dissertação De Mestrado. UFAM,2011. 187 p.

FERREIRA. C.A. L. **Pesquisa quantitativa e qualitativa**: perspectivas para o campo da educação. Revista Mosaico, v. 8, n. 2, p.173-182,jul./dez. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**.13 ed. São Paulo:Paz eTerra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia Da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. SãoPaulo:EditoraUNESP,2000.134p.

FREITAS M. Q.; CAVALCANTE, V. C. **Leitura na Educação de Jovens e Adultos e a formação de leitores**. Perspectiva, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 93-109, abr. 2014. ISSN 2175-795X. DOI:<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2014v32n1p93>. Disponível em: <https://bit.ly/2PS7Rzs>. Acesso em: 20 set. 2018.

FREITAS, D. M. S. F.; LIMA, L. A. Letramento para surdos aplicado no processo de alfabetização da criança surda. In: SILVA C. M. C; SILVA, M. D. C.; SILVA, R. F. (org). **História, Memória e práticas de ensino**. Teresina: EDUFPI, 2019.

GADOTTI, M. **Qualidade na educação**: uma nova abordagem . Artigo apresentado no congresso de educação básica: qualidade na aprendizagem.COEB 2013.

GADOTTI, M.; ROMÃO, IN José E. (org). **Educação de jovens e adultos**:Teoria Pratica e proposta.2ªEd.Cortez, SãoPaulo:institutoPauloFreire,2000.

LAKATOS,M;MARCONI,M.A.**Fundamentodemetodologiaciência**.5ed.SãoPaulo:Atlas,2009.

OLIVEIRA, Shirllene Ferreira Simplício.**Alfabetização,Letramento e Educação de Jovens e Adultos(EJA)**:caminhos e descaminhos.Trabalho de Conclusão de curso.Campina Grande, Paraíba.- 2015.26p.

ROJO, R. O indicador nacional de alfabetismo funcional (Inaf) e os novos letramentos. In: RIBEIRO, V. M.; LIMA, V. L.; BATISTA, A. A. G. (org.). **Alfabetismo e letramento no Brasil**: 10 do Inaf. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015. p. 455-478

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**.5ed.,Contexto,SãoPaulo,2008

SOARES, M. B. **Alfabetização-uma questão de métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. B. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do Inaf 2001. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

O LETRAMENTO A PARTIR DO ENUNCIADO CONCRETO DO GÊNERO DIÁRIO

Marinalva Pereira de Araújo²

Jôse Pessoa de Lima³

Rosilene Félix Mamedes⁴

RESUMO

O diário, assim como a carta, integra um gênero do discurso que pertence à esfera da vida cotidiana, compondo uma das habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular para o 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais. Neste trabalho, temos como objetivo apresentar uma proposta didática de letramento voltado para o desenvolvimento da escrita, partindo do acesso à forma composicional do estilo narrativo no gênero diário pessoal. Nesta perspectiva, desdobraremos o passo a passo de uma sequência didática que integrará o acesso a trechos de obras literárias, visando à realização de leituras com a exploração das características semânticas e sintáticas, as estratégias de vivência da leitura e da escrita, tanto em ambientes virtuais de aprendizagem como na relação presencial entre professor e aluno. Para tanto, teremos como aporte teórico Bakhtin (2016), (2011), Fiorin (2020), Martelotta (2020), dentre outras fontes que corroboram a importância dos usos sociais da língua. Nesse sentido, esperamos que essa abordagem represente um instrumento de inspiração e de interlocução para os fazeres docentes, enriquecendo a aprendizagens com os tons da subjetividade na construção diária da escrita dos discentes, enriquecendo o ensino da Língua Portuguesa com as variações linguísticas circulantes no cotidiano.

Palavras-chave: Proposta didática. Gênero diário pessoal. Escrita subjetiva.

1. Introdução

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar.

(Clarice Lispector)

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Unipê e Professora da rede municipal de João Pessoa – PB. E-mail: marinalvaajuara84@gmail.com

³ Mestra pelo PROFLETRAS da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora de Língua Portuguesa, da rede básica de ensino da Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP. E-mail: josypessoa10@hotmail.com

⁴ Orientadora Professora mestra em Linguística (PROLING-UFPB); Doutoranda-PPGL/UFPB/CNPq. E-mail: rosilenefmamedes@gmail.com

O trecho pinçado da obra “Um sopro de vida”, último romance de Clarice Lispector, representa bem o medo, o silêncio imbuído na busca pelo encontro das palavras “certas” para compor um texto, sejam nas tradicionais redações, seja na elaboração de um e-mail, ou mesmo na postagem de uma mensagem autoral nas redes sociais.

Nesta proposta didática, ousamos pensar a criança como um ser destemido, capaz de mergulhar gradativamente nas profundezas do autoconhecimento, à medida em que tece narrativas acerca de si e das questões inerentes ao cotidiano. O diário, assim como a carta, integra um gênero do discurso que pertence à esfera da vida cotidiana, e por suas idiossincrasias, pode facilitar a imersão de crianças nos usos da língua escrita.

A proposta de ensino que ora apresentamos é resultado de uma experiência didática vivenciada no ano de 2020, na modalidade de ensino remoto emergencial⁵, com uma turma de 5º ano, na rede municipal de João Pessoa. Tivemos a oportunidade de apresentar oralmente e publicar nos anais do VII Congresso Nacional de Educação – Conedu, realizado online, de 15 a 17 de outubro de 2020. Posteriormente, compartilhamos a referida experiência com os professores da rede municipal de João Pessoa, em um evento on-line da Secretaria de Educação.

Diante da forma composicional do diário em suas características simples e acessíveis, os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental poderão ser iniciados na produção diária da escrita subjetiva. Além de compor uma das habilidades previstas para o 3º ano do Ensino Fundamental, pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), o diário poderá estreitar os laços afetivos entre o aluno e o universo da escrita, entre o aluno e o professor, inclusive servindo a este como fonte concreta de identificação das reais necessidades de aprendizagem dos discentes.

Perante o reflexo dos abismos entre as classes sociais no Brasil, cabe-nos apontar a premente necessidade de engajamento no letramento escolar, tendo em vista que o país amarga os baixos índices de desempenho indicados em parâmetros como o PISA - Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), o qual tem avaliado estudantes de 15 anos de idade nas categorias de leitura, matemática e ciências, a cada três anos.

Conforme os dados coletados em avaliação em 2018, aproximadamente 50% dos estudantes não atingiram o mínimo de proficiência em leitura. A avaliação contém questões

⁵ No ano de 2020, as aulas presenciais foram realizadas até o dia 17 de março. Em decorrência da pandemia gerada pelo SARS-CoV-2 (vírus causador da doença infecciosa COVID-19), o ensino passou a vigorar na modalidade de ensino remoto emergencial, com aulas síncronas (on-line) e assíncronas (remotas).

densas que exigem competência leitora e questões discursivas que demandam as competências de interpretação e de produção textual.

Em âmbito nacional, temos o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, cujos testes se destinam a estudantes matriculados no 2º ano (testes de Língua Portuguesa e Matemática), no 5º e no 9º ano (Ciências Humanas e Ciências da Natureza). O teste de Língua Portuguesa inclui questões de múltipla escolha e questões de escrita de palavras, destacando-se um item de produção textual para alunos de 2º ano. Para os estudantes de 9º ano, dos 136 itens, seis questões são abertas, as quais exigem habilidades com a escrita.

A seguir, o Quadro 10 do Relatório do SAEB/ANA 2016 com a Escala de Proficiência em Escrita, o qual poderá ser útil ao professor em avaliações diagnósticas.

Interpretação da Escala de Proficiência em Escrita	
NÍVEL	DESCRIÇÃO
NÍVEL 1 (menor que 350 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente não escrevem as palavras ou estabelecem algumas correspondências entre as letras grafadas e a pauta sonora, porém ainda não escrevem palavras alfabeticamente. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
NÍVEL 2 (maior ou igual a 350 e menor que 450 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem alfabeticamente palavras com trocas ou omissão de letras, alterações na ordem das letras e outros desvios ortográficos. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
NÍVEL 3 (maior ou igual a 450 e menor que 500 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente palavras com estrutura silábica consoante-vogal, apresentando alguns desvios ortográficos em palavras com estruturas silábicas mais complexas. Em relação à produção de textos, provavelmente escrevem de forma incipiente ou inadequada ao que foi proposto, sem as partes da história a ser contada, ou produzem fragmentos sem conectivos e/ou recursos de substituição lexical e/ou pontuação para estabelecer articulações entre partes do texto. Apresentam ainda grande quantidade de desvios ortográficos e de segmentação ao longo do texto.
NÍVEL 4 (maior ou igual a 500 e menor que 600 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente palavras com diferentes estruturas silábicas. Em relação à produção de textos, provavelmente atendem à proposta de dar continuidade a uma narrativa, embora possam não contemplar todos os elementos da narrativa e/ou partes da história a ser contada. Articulam as partes do texto com a utilização de conectivos, recursos de substituição lexical e outros articuladores, mas ainda cometem desvios que comprometem parcialmente o sentido da narrativa, inclusive por não utilizar a pontuação ou utilizar os sinais de modo inadequado. Além disso, o texto pode apresentar poucos desvios de segmentação e alguns desvios ortográficos que não comprometem a compreensão.
NÍVEL 5 (maior ou igual a 600 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente palavras com diferentes estruturas silábicas. Em relação à produção de textos, provavelmente atendem à proposta de dar continuidade a uma narrativa, evidenciando uma situação inicial, central e final, com narrador, espaço, tempo e personagens. Articulam as partes do texto com conectivos, recursos de substituição lexical e outros articuladores textuais. Segmentam e escrevem as palavras corretamente, embora o texto possa apresentar poucos desvios ortográficos e de pontuação que não comprometem a compreensão.

Quadro 10 – Interpretação pedagógica da escala de Escrita. Fonte: INEP, 2018, p. 41

Com base em relatório da edição 2016 sobre a Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA, criada para avaliar o 3º ano do Ensino Fundamental (fim do ciclo de alfabetização), 58% de estudantes brasileiros está no Nível 4, no eixo de proficiência em escrita, o que significa que apresentam as palavras escritas corretamente e a capacidade de construir narrativa, porém, ainda demonstram o comprometimento do sentido na narrativa.

Embora a maior representatividade do Nível 4 seja oriunda das regiões norte e nordeste, aproximadamente 50% de estudantes destas regiões se encontram no Nível 1, 2 e 3, ou seja, são aqueles que “[...] ainda não escrevem palavras ou as escrevem de forma incompreensível até os estudantes que produzem textos com desvios que comprometem sua compreensão.” Dessas regiões, essa realidade não se replica apenas no Acre, em Rondônia, no Tocantins, no Ceará e Rio Grande do Norte. (INEP, 2018, p.75-76) Tais dados só tornam notória a desigualdade de acesso à educação de qualidade.

Ainda no início do ano letivo de 2020, realizamos avaliação diagnóstica com a turma de 5º ano inúmeras e percebemos várias dificuldades relacionadas à habilidade com a escrita. De acordo com o quadro de escala de proficiência em escrita, a maioria dos alunos estavam situados no nível 2, apresentando trocas ou omissão de letras e outros desvios ortográficos. No que concerne à produção textual, conseguiam escrever apenas frases desconexas.

Após selecionarmos o gênero discursivo diário, compatível com o desenvolvimento da escrita nos anos iniciais, fizemos uma pesquisa bibliográfica acerca de diários presentes na literatura, cujos conteúdos pudessem ser explorados em atividades de leitura. Em seguida, levantamos um aporte teórico que nos permitisse compreender tal gênero discursivo pela ótica bakhtiniana e por esse viés, estruturamos a sequência didática. Ademais, outras fontes nos serviram para descrever e analisar a importância da exploração dos gêneros textuais, acessando os diferentes formatos(semioses) disponíveis, contribuindo para a aprendizagem da língua no contexto de multiletramentos.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral:

- Apresentar uma proposta didática de elaboração de diários pessoais, na perspectiva de ampliar as habilidades de escrita em alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2.2. Objetivos específicos:

- Descrever as características do estilo de linguagem e da forma composicional do gênero diário íntimo;
- Traçar o passo a passo de uma sequência didática que integrará o acesso à leitura de trechos de obras literárias;
- Apresentar estratégias de leitura e de escrita em ambientes de aprendizagem virtual ou no ensino presencial.

3. O gênero discursivo diário como portal de entrada para as variações linguísticas no âmbito escolar

O diário pessoal caracteriza-se como uma réplica do cotidiano. Segundo Bakhtin (2016), as réplicas do diálogo do cotidiano pertencem aos gêneros discursivos primários (simples), compostos por um estilo de linguagem narrativo. Contar sobre si mesmo pode proporcionar ao aluno a intimidade com a produção escrita, de modo que a apropriação das normas gráficas constantes nos currículos de Língua Portuguesa, bem como o desenvolvimento da reflexão crítica possam ocorrer de forma prazerosa no âmbito escolar.

As características composicionais do referido gênero pressupõem um protagonismo do aluno na escrita subjetiva, impregnada de fatos linguísticos contemporâneos, oriundos da fala popular. Dessa maneira, as variedades linguísticas ganham respeito e visibilidade, sob as lentes de métodos adotados pela linguística, que por sua vez, tem a finalidade de descrever e explicar os fatos sem avaliar ou comparar com padrões normativos da língua. (FIORIN, 2019, p. 17)

A escrita em diário pessoal traz nuances características da estilística da narração semiliterária, próprias dos discursos do cotidiano. (BAKHTIN, 2015, p. 28) Nesse gênero, os sentidos incorporados à subjetividade se integram aos enunciados com função emotiva ou expressiva. Deste modo, Barros (in FIORIN et al., 2019) afirma que os textos com função emotiva ou expressiva apresentam as seguintes características:

[...] emprego da 1ª pessoa, apresentação de qualidades “subjetivas” por meio de adjetivos como fantástico, encantador, medonho e outros, ou de advérbios de modo, utilização de modalizadores relacionados com o saber, como eu acho, eu considero,

etc., uso de recursos prosódicos de prolongamento de vogal, pausas, acentos enfáticos, hesitações, interjeições, exclamações. (p. 34)

Podemos perceber, entretanto, que os enunciados concretos compõem o desenho no qual refletem as unidades estilísticas peculiares às situações comunicativas, os recursos fonológicos e lexicais disponibilizados pelos sujeitos, os modos pelos quais formulam suas sentenças.

Como proceder didaticamente para incluir o protagonismo do aluno com sua variação linguística, se temos diante de nós livros didáticos que ainda priorizam a gramática normativa a ser implementada em sala de aula? De antemão, ressaltamos que, se pretendemos trazer o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem, precisamos conhecer e considerar os usos sociais que o mesmo faz da língua, apresentando a norma-padrão como uma possibilidade a mais de expressão, sem sobrepor-la, mas apontando-a como recurso para situações formais de comunicação.

A gramática tradicional é resultante dos primeiros estudos da língua realizados pelos hindus ainda no século IV a.C., cuja finalidade consistia em conservarem a originalidade dos textos sagrados. Estabeleceram-se estudos minuciosos realizados por gramáticos hindus como Panini, que estudaram e criaram modelos de análise da língua, tornando a gramática uma referência de uso correto das línguas, através dos séculos. (Idem, p. 12) A partir da gramática, a língua passou a ter parâmetros normativos com base em textos formais, cujo padrão se perpetuou nos sistemas educacionais.

No início do século XX, a linguística foi reconhecida como ciência por meio da publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. Dentre as diferentes linhas de estudo, a linguística busca investigar como os usos da língua se efetivam na fala e na escrita, e por ser não-prescritiva, afirma-se como área da ciência destituída de preconceitos, sem qualquer ligação com julgamentos de valor acerca das variedades da língua. (Martelotta, 2020, p. 21)

Diante da importância atribuída à pluralidade linguística, os linguistas reconhecem que os sistemas educacionais devem ensinar a norma-padrão. Na perspectiva do ensino da gramática funcionalista, prioriza-se o interesse em compreender os processos de comunicação onde a língua se faz viva, livre de preconceitos e valorações que venham priorizar uma linguagem em detrimento de outra. Todavia, Martelotta ressalta que [...] qualquer atividade de valorizar uma variação em detrimento de outra implica critérios de natureza sociocultural, e não critérios linguísticos.” (Idem, p.47) Por este prisma, o ensino de Língua Portuguesa deve assumir a conotação de interesse pelos usos sociais da língua em suas variedades, as quais representam um contexto sócio-histórico e ideológico próprio dos falantes e escreventes.

No cenário contemporâneo, marcado pela cibercultura, estipulamos novas formas de comunicação, criando incansavelmente aplicativos, redes sociais e outros mecanismos de comunicação e de difusão da informação. Concomitantemente, surgem inúmeros gêneros textuais multissemióticos, constituídos de linguagem oral, verbal, visual, dinamizando a comunicação e reduzindo as distâncias geográficas.

No cotidiano das relações sociais, há uma pluralidade crescente de gêneros textuais, os quais demandam constante necessidade de ressignificação do letramento escolar. Segundo Soares (2017), o termo *literacy* já vinha sendo estudado desde o século XIX, na Grã-Bretanha. Para a autora, o letramento é

Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever [...] (SOARES, 2020, p. 27)

Podemos compreender que o letramento está o tempo todo voltado para os usos sociais da língua escrita, e nesse sentido, cabe à escola reverberar as mudanças dessa língua, a pluralidade linguística, os gêneros discursivos crescentes proporcionados pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Vale salientar que, já na segunda metade da década de 1990, o conceito de letramento trilhava um percurso de ampliação e de ressignificação, mediante estudos que englobavam objetos de pesquisa atrelados ao cenário social, composto por múltiplas linguagens. Em 1996, um grupo de estudos de Nova Londres, denominado GNL, reuniu-se em conferência em Connecticut – EUA, criando a Pedagogia dos Multiletramentos como forma de incluir no ensino a diversidade cultural e a pluralidade linguística. (ROJO, 2012, p.11)

A concepção de multiletramentos abrange “[...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.” (Idem, p. 13) Por conseguinte, a autora afirma que à escola cabe assumir seu importante papel como agência de letramentos, onde haja espaço para um ensino e aprendizagem voltados para a criação, para a construção de sentidos.

A seguir, abordaremos o passo a passo da proposta didática.

4. Proposta didática

Assunto: Diários pessoais

Introdução: Definição didática do gênero

Como se estivesse contando sobre os acontecimentos do dia, a escrita no diário consiste em narrativas em 1ª pessoa: “Eu”, onde o escrevente relata fatos do cotidiano, posiciona-se, atribui adjetivos a situações e pessoas, usa recursos expressivos como interjeições, exclamações, recursos prosódicos de prolongamento de vogal, etc. A estrutura do texto pode conter:

- Criação do pseudônimo (nome fictício para o escrevente);
- Iniciar pela data, alinhada à direita (Exemplo: **Domingo, 14 de junho de 1942**);
- Na segunda linha, cumprimentar pelo vocativo, em linha independente (Exemplo: **Querido Diário**, ou se preferir, atribuir a um destinatário imaginário, como no exemplo do diário de Anne Frank: **Querida Kitty**);
- Iniciar a narrativa por meio do parágrafo;

O escrevente poderá adotar um pseudônimo (nome fictício) ou usar o nome civil, porém, neste caso do letramento escolar, recomendamos o uso de pseudônimo para que o aluno encontre maior liberdade de expressão.

Ao longo da história, tivemos relevantes obras literárias no gênero diário, dentre elas, destacamos algumas obras fictícias e outras baseadas em fatos reais, que poderão ser objetos de ensino com alunos do Ensino Fundamental:

- **Diário do Subsolo** ou **Notas do subsolo**, de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, publicado em 1864;
- **Diário de Anne Frank**, escrito durante a Segunda Guerra Mundial por Annelies Marie Frank e publicado em 1947. Encontra-se disponível em e-book, em História em Quadrinhos – HQ e em filme;
- **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, escrito por Carolina Maria de Jesus, semianalfabeta e catadora de papéis. Obra publicada em 1960;
- **Diário de Bitita**, de autoria de Carolina Maria de Jesus;
- **Diário de um banana: as memórias de Greg Heffley**, escrito por Jeff Kinney, disponível em e-book;
- A série **Diário de Pilar**, escrito por Flávia Lins e Silva;
- **O diário escondido de Serafina**, de Cristina Porto;

- A série **Diário de uma garota nada popular**, da americana Rachel Renée Russel, disponível e-book e em SlideShare;
- Coleção **Diário de aventuras da Ellie**, de Ruth McNally;
- Coleção **Diário da Pippa Morgan**;

Assim como “O diário de Anne Frank”, a obra “Diário de um Banana” encontra-se também disponível no formato digital PDF. Constituída de uma linguagem aproximada da linguagem de estudantes, “Diário de um Banana” foi escrito e ilustrado pelo norte-americano Jeff Kinney, e publicada em 2007. O livro narra a história pouco comum do personagem Greg Heffley, suas vivências em família, na escola e suas aventuras com seu melhor amigo Rowley. Nesta obra, podemos observar as multissemioses, à medida em que nos deparamos com os diversos tipos de fontes empregadas ao texto, assim como os recursos imagéticos que aguçam a curiosidade. Tais recursos nos prendem à trama da história pela ênfase de sentidos em momentos auspiciosos da história.

Hoje é o primeiro dia de aula, e agora só estamos esperando que o professor acabe logo de decidir quem senta onde. Então, pensei que podia escrever neste livro para passar o tempo.

Aliás, deixe-me lhe dar um bom conselho. No primeiro dia de aula, você tem que tomar cuidado onde senta. Você entra na classe, joga suas coisas em qualquer carteira e, quando vê, o professor está dizendo:

ESPERO QUE TODOS GOSTEM DE ONDE ESTÃO, PORQUE ESSES SÃO SEUS LUGARES PERMANENTES.

GAAH!

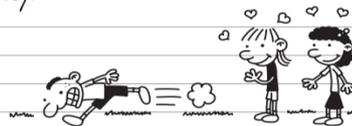


Assim, nesta classe, acabei com o Chris Hosey na minha frente e o Lionel James atrás.

4

Cara, eu não sei O QUE essas garotas têm na cabeça hoje em dia. As coisas eram bem mais simples no ano passado: se você fosse o corredor mais rápido, ficava com todas.

E no quinto ano, o mais rápido era o Ronnie McCoy.



Hoje em dia, é bem mais complicado. Agora depende das roupas que você usa ou do quanto você é rico ou se você tem uma bunda bonitinha ou sei lá mais o quê. E garotos como o Ronnie McCoy estão coçando a cabeça, se perguntando o que aconteceu.

O menino mais popular do meu ano é o Bryce Anderson. O pior é que eu SEMPRE gostei de garotas, e meninos como o Bryce só começaram a se interessar por elas nos últimos dois anos.

6

Fonte: Diário de um Banana, 2007, e-book, p.4 e 6.

Como podemos observar nos fragmentos acima, as narrativas dos alunos podem ser enriquecidas por recursos ilustrativos autorais que enfatizem o ápice das histórias, enfatizando momentos de cunho dramático, engraçado, triste, dentre outras emoções. A maioria dessas

obras encontra-se disponível em e-books gratuitos, de fácil acesso. Os alunos poderão acessar, inclusive, em ambientes escolares como a sala de computadores e através dos grupos e plataformas virtuais da turma.

5. Metodologia

Antes da execução da sequência didática, é necessário que o professor planeje qual material será utilizado na produção dos diários, sejam cadernos personalizados, blocos de papel, os computadores da escola, Datashow, dentre outros. Além disso, é importante que a proposta seja compartilhada junto ao corpo gestor da instituição escolar, visando adquirir apoio e acompanhamento de membros na mobilização da turma a algum local planejado, ou mesmo no auxílio de materiais escolares que enriqueçam as oficinas de escrita. Os pais ou responsáveis também devem ser comunicados de que seus filhos iniciarão um período contínuo de escrita autônoma e de que, somente estes, poderão manusear e produzir seus diários, evitando quaisquer intervenções ou críticas que possam desmotivar os alunos nessa atividade.

Nesta proposta, desenvolveremos três planos de aula, que vão desde o acesso inicial à biografia do autor, a leitura dos primeiros trechos da obra literária no gênero diário, o estudo da composição do referido gênero até o plano da escrita individual e reflexão coletiva acerca das necessidades de aprendizagem no eixo da produção de textos.

Vale salientar que a intenção da produção escrita é visualizar os usos reais da língua escrita pelos alunos e, portanto, a avaliação por parte do professor deverá ser diagnóstica, contínua e qualitativa. Diante de possíveis desvios ortográficos e problemas de ordem semântica, as dúvidas poderão ser esclarecidas individualmente com cada aluno ou dialogadas coletivamente, em rodas de conversa.

5.1. AULA 1)

Título da aula: **Narrativas pessoais do cotidiano**

Finalidade da aula: **Conhecer o autor(a), ler trechos de diários e identificar as características do estilo narrativo**

Anos: **3º ao 5º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Diário**

Objetos do Conhecimento: **Compreensão em leitura e tipologia da narração**

Prática de linguagem: **Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)**

Habilidade (s) da BNCC: **(EF03LP12)** “Ler e compreender, com autonomia, cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero carta e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.” (BNCC, 2017, p.117)

Sobre esta aula: Esta será a primeira aula da sequência didática e, portanto, será organizada uma roda de conversa para o levantamento de conhecimentos prévios. Nesse momento, o professor identificará se os alunos conhecem o referido gênero, se já possuem experiência de produção textual no estilo narrativo e a partir desse apanhado, poderá propor a leitura e interpretação oral dos primeiros trechos de uma obra no gênero diário, disponibilizados em e-book ou de forma impressa para os alunos. *A priori*, recomendamos que o professor faça uma breve abordagem biográfica do autor(a) da obra, situando as circunstâncias sócio-históricas em que foi escrita, principalmente se for baseada em fatos reais; em seguida, poderá solicitar uma leitura silenciosa do texto, e, dependendo das condições de fluência em leitura por parte dos alunos, o professor pode fazer uma leitura oral exemplar, ou pode pedir a um aluno que compartilhe sua leitura em voz alta, atentando para o ritmo, para a entonação e velocidade da leitura.

A seguir, uma amostragem breve da biografia de Anne Frank, por sua ter sido escolhida para a leitura integral com a qual produzimos a experiência didática em 2020.

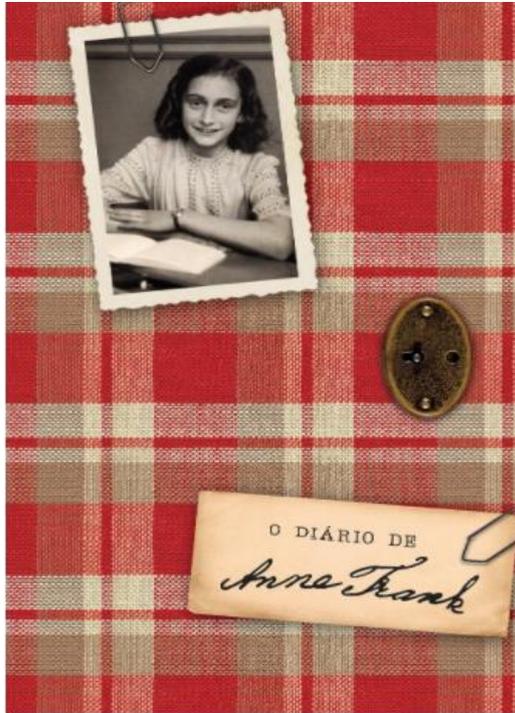
Anne Frank (1929-1945) foi uma jovem judia vítima do nazismo. Morreu no campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha, deixando escrito um diário, que foi publicado por seu pai, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz (Polônia), intitulado “O Diário de Anne Frank”.

[...]Filha dos judeus, Otto Frank e de Edith Holländer Frank, em 1933, saiu da Alemanha com a família, para fugir das leis de Hitler contra os judeus. [...] No dia 9 de julho de 1942, para não ser presa, a família de Anne Frank se mudou para um esconderijo, localizado na Prinsengrecht, 263, com mais quatro judeus, nos fundos da fábrica onde Otto Frank trabalhava. A família permaneceu ali até 04 de agosto de 1944.

Anne Frank relatou em seu diário os conflitos de uma adolescente e a tensão de se viver escondida sobrevivendo com a comida armazenada, a ajuda recebida de amigos, o sofrimento da guerra, os bombardeios que aterrorizavam a família, e a possibilidade de o “anexo secreto” ser descoberto e serem mortos a tiros.

Breve explanação da biografia da autora Anne Frank. Fonte: https://www.ebiografia.com/anne_frank/

A obra “O Diário de Anne Frank” começou a ser escrito por Anne aos 13 anos de idade, durante a Segunda Guerra Mundial, precisamente no período de 1942 a 1º de agosto de 1944.



Capa original da obra O diário de Anne Frank. Fonte: www.amazon.com.br

Trecho do diário de Anne Frank, destinado à leitura:

Domingo, 14 de junho de 1942

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Pudera! Era dia do meu aniversário. É claro que eu não tinha permissão para levantar àquela hora, e por isso tive de reprimir a minha curiosidade até as quinze para as sete. Aí então não agüentei mais e corri até a sala de jantar, onde recebi as mais efusivas saudações de Moortie (a gata).

Logo depois das sete fui dar bom-dia à mamãe e ao papai, e, depois, corri à sala de estar para desembulhar meus presentes. O primeiro que me saudou foi você, possivelmente o melhor de todos. Sobre a mesa havia também um ramo de rosas, uma planta e algumas peônias; durante o dia chegaram outros.

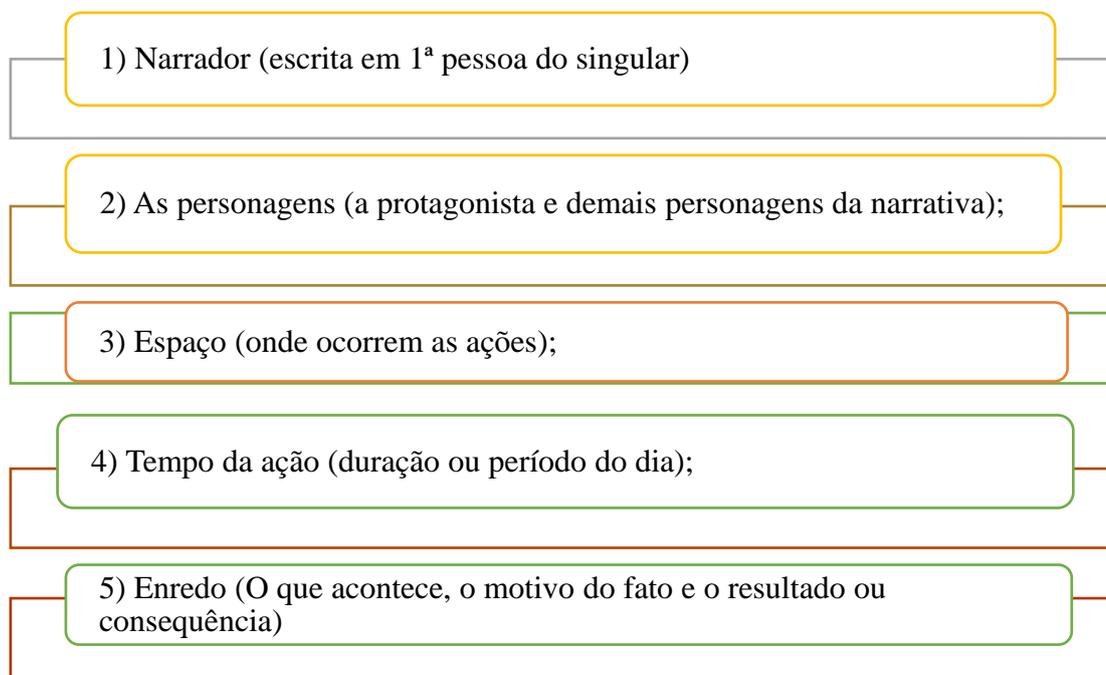
Ganhei uma porção de coisas de mamãe e papai e fui devidamente presenteada por vários amigos. Entre outras coisas, deram-me um jogo de salão chamado Câmara Escura, muitos doces, chocolates, um quebra-cabeça, um broche, os *Contos e lendas dos Países Baixos*, de Joseph Cohen, *Daisy e suas férias nas montanhas* (um livro espetacular) e algum dinheiro. Agora posso comprar. *Os mitos da Grécia e Roma* – que legal!

Lies veio então apanhar-me para irmos à escola. No recreio, distribuí biscoitinhos doces para todo mundo, e então tivemos de voltar às aulas.

Agora preciso parar. Até logo. Acho que vamos ser grandes amigos.

(FRANK, e-book, p.8)

Com base em Mazzarotto (2010, p. 4), elaboramos um esquema com as características principais do estilo narrativo. Após as leituras, o professor poderá levantar as questões relacionadas ao tipo textual da narrativa.



É importante ressaltar que o professor reflita com os alunos acerca das diferentes formas de narração, as quais podem ser curtas ou longas, podendo conter o discurso direto (citação direta da fala da personagem, destacada com uso de travessão, aspas ou dois pontos) ou o discurso indireto (a fala da personagem mencionada pelo autor).

Materiais necessários: Cartões confeccionados com trechos dos diários impressos para disponibilizar aos alunos, lápis grafite, borracha, marca-texto com espaço no verso para questões de interpretação textual e câmeras para fotografar os momentos de aprendizado. Serão disponibilizados os e-books ou livros impressos de diários escolhidos pelo professor para os alunos lerem em seus lares.

Informações sobre o gênero: O diário pessoal representa um gênero textual que nos dá a oportunidade de escrever sobre nós mesmos, registrar o cotidiano das nossas vidas em família, nas relações com amigos e amigas, na escola e sobre outros espaços de sociabilidade; é um lugar de escrita sobre o que realmente pensamos e sobre os nossos sentimentos, nossos gostos relacionados às artes, à alimentação, aos estudos, dentre outros.

Dificuldades antecipadas: É possível que os alunos ainda não possuam fluência em leitura e, de antemão, o professor deve se preparar para fazer abordagens em prosódia e continuar, diariamente, exercitando a leitura individual e coletiva. Concomitantemente, há a possibilidade de se deparar com dificuldades de interpretação, o que será imprescindível a constante mediação, problematizando os textos para desencadear esquemas de pensamento coerentes.

5.2 AULA 2)

Título da aula: **Meu primeiro texto no diário**

Finalidade da aula: **Produzir o primeiro texto no diário pessoal, sobre o dia anterior.**

Anos: **3º ao 5º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Diário**

Objetos do Conhecimento: **Escrita**

Prática de linguagem: **Produção de texto (escrita compartilhada e autônoma)**

Habilidade (s) da BNCC: **(EF03LP13)** “Planejar e produzir cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções dos gêneros carta e diário e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.” (BNCC, 2017, p. 117)

Sobre esta aula: Retomada oral da aula anterior e leitura de um trecho de obra em diário, com exploração oral e identificação de elementos da prosódia e sintaxe. Em seguida, será apresentada a proposta didática aos alunos, esclarecendo sobre a finalidade de iniciação à atividade de escrita subjetiva para o desenvolvimento do prazer de escrever e de apropriação progressiva da língua escrita. Os novos diários serão entregues aos alunos sob a orientação dos cuidados a serem tomados para a conservação do material, o necessário uso de pseudônimo e o respeito à individualidade de cada aluno. Serão definidos os dias e horários destinados à escrita e reescrita do diário na escola, quando o professor acompanhará o aluno em seu processo de produção. Em seguida, serão retomadas as características do diário e iniciada a primeira produção autoral dos alunos.

Materiais necessários: Cartões com trechos impressos da obra em diário selecionada, os diários confeccionados para os alunos, lápis grafite, canetas, lápis de cor, dentre outros.

Dificuldades antecipadas: Embora os textos demonstrativos do gênero sejam curtos, poderemos enfrentar bloqueios na produção escrita justamente devido à ausência do protagonismo do aluno na produção textual subjetiva. Entretanto, será um primeiro passo rumo à permanente produção escrita, no qual o professor exercerá sua mediação com empatia, numa perspectiva de encorajamento constante.

5.3 AULA 3)

Título da aula: **Roda de conversa: leitura e reflexões relacionados ao meu texto:**

Finalidade da aula: **Ler o próximo trecho da obra literária em diário, retomar o diálogo sobre a primeira escrita dos alunos, realizando abordagem acerca das lacunas ou desvios linguísticos observados nos textos autorais.**

Anos: **3º a 5º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Diário**

Objetos do Conhecimento: **Oralidade, leitura e escrita**

Prática de linguagem: **Oralidade, leitura e escrita compartilhada**

Trecho do diário de Anne Frank, destinado à leitura:

Sábado, 20 de junho de 1942

Faz alguns dias que não escrevo porque eu quis, antes de tudo, pensar neste diário. É estranho uma pessoa como eu manter um diário; não apenas por falta de hábito, mas porque me parece que ninguém — nem eu mesma — poderia interessar-se pelos desabaços de uma garota de treze anos. Mas que importa? Quero escrever e, mais do que isso, quero trazer à tona tudo o que está enterrado bem fundo no meu coração. [...] Daí, este diário. A fim de destacar na minha imaginação a figura da amiga por quem esperei tanto tempo, não vou anotar aqui uma série de fatos corriqueiros, como faz a maioria. Quero que este diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de Kitty. Mas se eu comesse a escrever a Kitty, assim sem mais nem menos, ninguém entenderia nada. Por isso, mesmo contra minha vontade, vou começar fazendo um breve resumo do que foi minha vida até agora.

Assim como a autora definiu o vocativo “Querida Kitty”, o aluno poderá se sentir à vontade para criar ou mesmo usar expressões comuns como “Querido diário”, por exemplo. Na abordagem didática de letramento, esses trechos podem servir de modelo para o treino de fluência de leitura, para a interpretação oral e escrita em diálogos em rodas de conversa.

Nesta etapa da sequência, o professor já teve acesso à primeira escrita individual de cada aluno, tendo um perfil diagnóstico da escrita, composto de habilidades que precisam ser abordadas para que haja o avanço na qualidade dos textos. Portanto, nesta etapa, o professor fará a explanação dos objetos de conhecimento que serão estudados. Por exemplo: o uso adequado do parágrafo, concordância verbal e concordância nominal, etc.

Após fazer a abordagem de um objeto de conhecimento, o professor pode sugerir a inserção de uma foto do aluno no diário (pode ser impressa em papel A4), a aplicação de adesivos ou mesmo um desenho autoral. E assim, seguirá sucessivamente. Vale salientar que o diário é de uso pessoal e pode ser conduzido pelo aluno para escrever continuamente na escola e em sua residência.

6. Você sabia? curiosidades

- Os diários de guerra eram adotados por soldados que se destinavam a relatar suas jornadas. Uma das obras mais notáveis é *Anábase*, escrita pelo historiador e soldado grego Xenofonte (434 a. C a 354 a. C);
- O escritor-jornalista inglês Daniel Defoe (1660-1731) escreveu o romance “Um Diário do Ano da Peste”, com base em dados reais sobre a peste bubônica ocorrida em Londres, entre 1665 e 1666;
- A escritora francesa Anaïs Nin (1903-1977) escreveu um diário dos 11 anos até os 73 anos, compondo mais de trinta e cinco mil páginas;
- Ainda hoje, nos EUA, os colégios universitários solicitam para o ingresso dos estudantes um *essay*, tipo de autobiografia ou diário íntimo de duas ou três páginas do tipo: “Diga-nos algo sobre você.”

7. Resultados e discussão

Esta proposta didática representa apenas uma ideia dentre as múltiplas possibilidades de desenvolvimento da escrita, na perspectiva dos multiletramentos na escola. O mais importante é que possamos privilegiar abordagens que valorizem a autoria e o protagonismo dos alunos na produção escrita, visando à reparação das lacunas que se apresentam na educação escolar.

Nesse trabalho, levantamos aspectos teóricos inerentes ao gênero diário, apontamos horizontes com base em pesquisa bibliográfica e na experiência didática de escrita subjetiva com crianças do 5º ano. Para tanto, enfatizamos um ensino da língua escrita com base na análise do discurso bakhtiniana, valorizando os usos sociais da língua para enriquecer a educação escolar, mencionamos a escala de proficiência em escrita necessária à avaliação diagnóstica e seguimos o passo a passo de aulas em uma sequência didática que pode ser revista e adaptada a cada situação de aprendizagem.

Diante do interesse em desenvolver projetos de escrita, é provável que o professor se depare com inúmeras dificuldades, pois há alunos que percorrem os anos iniciais do Ensino Fundamental sem que se apropriem das noções mínimas de escrita. Contudo, recomendamos que inicie praticando diariamente a escrita de frases, orações, e assim por diante.

Com relação à correção da escrita autoral, nem sempre o professor terá tempo de corrigir todos os textos no momento da aula, porém, a correção em si nem é o objetivo desta proposta. O aperfeiçoamento das questões semânticas e sintáticas serão decorrência de leitura diária, de rodas de conversa onde o professor possa abordar coletivamente os objetos de conhecimentos. Desta maneira, os alunos poderão se apropriar desses conhecimentos e melhorar a qualidade de suas produções textuais.

É importante que as produções elaboradas, nesta proposta, tenham um sentido concreto para a vida escolar dos alunos. Neste sentido, após avaliar os diários produzidos, o professor poderá organizar um compêndio de textos em diários e publicar na própria comunidade escolar, em um evento de culminância, seja um café ou chá literário, por exemplos.

8. Considerações finais

A perspectiva linguística do ensino da língua contribui para a destituição de preconceitos em relação às variações linguísticas. À medida que tornamos a escola um celeiro de produção de saberes e de construção de sentidos, a escrita torna-se um eixo da língua acessível ao aluno. Paulatinamente, poderão ser notados melhoria da qualidade na escrita, autoconhecimento, melhoria das interações entre os alunos, vínculos afetivos mais firmes, refletindo avanços na inteligência emocional.

A proposta da produção escrita, entremeada com a leitura literária, proporciona aos alunos um repertório linguístico útil ao seu processo de escrita autoral, no estilo narrativo. Espelhar-se em obras escritas por autores de faixa etária aproximada da idade dos alunos ou

obras que trazem questões da infância e da adolescência, pode auxiliar na tomada de consciência da identidade pessoal, pode despertar o prazer de ler e escrever, dentre outros benefícios.

A escrita autoral é capaz de trazer o protagonismo dos alunos, enriquecendo a escola com as variantes linguísticas que se dão no cotidiano das comunidades. Propor produções escritas representa criar o palco para as vozes que soam o tempo todo lá fora, para além dos muros da escola. Trazer essas vozes é ressignificar o ensino, é exumar a escola em sua função humanista, rica em diversidade.

9. Referências

Biografia de Anne Frank. Disponível em: https://www.ebiografia.com/anne_frank/. Acesso: 24 de jun. de 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira -INEP. Resultados Saeb 2019 – Testes amostrais. Disponível em: < https://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2020/documentos/Apresentacao_Resultados_Amostrais_Saeb_2019.pdf> Acesso em: 04 jan.2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira -INEP. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206> Acesso em: 04 jan.2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 19 dez. 2020.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Os gêneros do discurso.** Trad. Paulo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

FIORIN, J.L. (Org.) **Introdução à linguística.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank.** Trad. Elia Ferreira Edel. E-book, São Paulo: Brasil.

Ilustração da capa da obra O diário de Anne Frank (edição capa dura) Capa dura – 10 novembro 2014. Disponível em: < https://www.amazon.com.br/di%C3%A1rio-Anne-Frank-edi%C3%A7%C3%A3o-capa/dp/8501068209/ref=asc_df_8501068209/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379749006424&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=12415495858687517921&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocint=&hvlocphy=1001622&hvtargid=pla-809248841707&pvc=1> Acesso: 20 de jun. de 2021.

KINNEY, J. **Diário de um banana: as memórias de Greg Heffley**. Trad. Antônio de Macêdo Soares. Vergara & Riba Editoras, 2008.

MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MAZZAROTTO, L.F. et all. **Nova Redação Gramática & Literatura: aprenda a elaborar textos claros, objetivos e eficientes**. 2 ed. São Paulo: DCI, 2010.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promover práticas educacionais mediados por profissionais qualificados e comprometidos com as bases curriculares da Educação básica e Inclusiva é um projeto desse grupo de estudo de professores pesquisadores que buscam transformação por meio da produção do conhecimento científico atrelado a atividades do nosso cotidiano.

Nessa perspectiva este volume apresenta propostas didáticas planejadas e sistematizadas para realização de oficinas pedagógicas, no ambiente escolar ou familiar, com alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, visando o desenvolvimento efetivo de competências e de habilidades na leitura e na escrita mediante práticas de letramentos matemático, em Libras e em Língua Portuguesa, orais e escritos.

Desse modo, para que os discentes sejam inseridos em contextos letrados que favoreçam as interações em sociedade, é preciso investir em novas metodologias de ensino que os preparem para o convívio social, instigando-os a agir enquanto cidadãos dotados de conhecimentos suficientes ao desenvolvimento individual e coletivo, seja na vida pessoal ou profissional.

Assim, acreditamos nas contribuições significativas que esse estudo pode propiciar aos profissionais da Educação, sobretudo, aos professores e aos familiares que acompanham o processo de desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social dos educandos inseridos nesse contexto.



ISBN 978-65-5886-036-5



9 786558 860365